

# Calvino sobre Conhecimento

W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

JOÃO CALVINO começou sua obra prima, *As Institutas da Religião Cristã*, com essas sentenças: “Quase toda a soma de nosso conhecimento, que de fato se deva julgar como verdadeiro e sólido conhecimento, consta de duas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos. Como, porém, se entrelaçam com muitos elos, não é fácil, entretanto, discernir qual deles precede ao outro, e ao outro origina” (*Institutas* I:I:1).<sup>2</sup> Sem um conhecimento de si mesmo, não há conhecimento de Deus. Mas para conhecer a si mesmo (e o mundo todo em geral), deve primeiro existir um conhecimento de Deus. Deus é conhecido melhor e anteriormente a qualquer coisa ou pessoa (*Institutas* I:I:1-3).

Calvino começou suas *Institutas* com epistemologia (a teoria do conhecimento); ele não começa com como sabemos que existe um deus, e então procede para tentar provar que esse deus é o Deus da Escritura. Seu ponto de partida era a revelação. A doutrina de Deus segue a epistemologia (*Institutas* I:13ss.). Calvino mantinha que há uma revelação dupla de Deus ao homem: geral (*Institutas* I:3-5) e especial (*Institutas* I:6-12). A primeira é geral em audiência (toda a humanidade) e limitada em conteúdo; a última é mais restrita em audiência (aqueles que lêem a Bíblia) e muito mais detalhada em conteúdo. A última é agora encontrada na Escritura somente. Além do mais, a revelação geral e especial estão em perfeita harmonia (*Institutas* I:13ss.).

Numa reversão espetacular e totalmente bíblica da filosofia e teologia tradicional, Calvino ensinou que Deus – não a pessoa ou o mundo – é o objeto melhor conhecido pelo homem.

## *Revelação Geral*

Calvino ensinou que o Espírito de Deus implantou uma consciência inata de Deus em todos os homens, uma consciência que é proposicional e inerradicável: “Que existe na mente humana, e na verdade por disposição natural, certo senso da divindade, consideramos como além de qualquer dúvida... Deus mesmo infundiu em todos certa noção de sua divina realidade” (*Institutas* I:3:1). O homem, como portador da imagem de Deus, tem a lei moral impressa em seu coração: “foi por Deus esculpida na mente

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em maio/2007.

<sup>2</sup> Nota do tradutor: Todas as citações das *Institutas* são traduções de Waldyr Carvalho Luz.

dos homens” (*Institutas* IV:20:16). B. B. Warfield afirmou corretamente que tanto para Calvino quanto para Agostinho o entendimento inato no homem residia no fundamento de tudo do seu entendimento de Deus; aqui o homem tem a revelação proposicional inata.<sup>3</sup>

Esse entendimento inato capacita o homem a ver a rica revelação de Deus na criação. “... para todo e qualquer rumo a que dirijas os olhos, nenhum recanto há do mundo, por mínimo *que seja*, em que não se vejam a brilhar ao menos algumas centelhas de sua glória... Inumeráveis são, tanto no céu quanto na terra, as evidências que lhe atestam a mirífica sabedoria” (*Institutas* I:5:1-2). Todos os homens têm uma consciência de Deus que os deixa sem escusa (*Institutas* I:3-5; *Comentário sobre Romanos* 1:18-21; 2:14-15).

Todavia, devido aos efeitos do pecado sobre a mente, o homem caído, embora possua essa semente da verdadeira religião, suprime continuamente o entendimento que ele tem e sabe ser verdadeiro (*Institutas* I:3-5). “Mas, embora careçamos de capacidade natural para podermos chegar ao puro e líquido conhecimento de Deus, entretanto, porque o defeito dessa obtusidade está dentro de nós, somos impedidos de toda e qualquer escusa. Pois não temos direito a tergiversação, nem justificativa alguma, porque não podemos pretender tal ignorância sem que nossa própria consciência nos convença de negligência e ingratidão” (*Institutas* I:5:15). Sem os “espetáculos” da verdade proposicional da Palavra de Deus, o homem pecador não é capaz de chegar a um conhecimento sadio e salvífico de Deus (*Institutas* I:6:1).

Pode ser visto que embora Calvino aderisse à revelação natural ou geral (em contraste com Karl Barth, por exemplo), ele não desenvolveu uma teologia natural. Ele ensina que o entendimento divinamente implantado (e proposicional) de Deus e (por causa disso) a demonstração diária do poder de Deus na natureza são mais que suficientes para provar que o Deus da Escritura é o único e verdadeiro Deus (*Institutas* I:3-5). Calvino falou da persuasão do argumento religioso e/ou moral (*Institutas* I:3:1-2; I:5:8-10), do argumento cosmológico (*Institutas* I:5:6; I:16:8-9), do argumento a partir da graça comum (*Institutas* I:5:7), e do argumento a partir da anatomia humana (*Institutas* I:5:2-3), mas desassistidos da Escritura, todos esses falam em vão (*Institutas* I:5:14). Nem mesmo o conhecimento da ressurreição de Jesus Cristo levou os discípulos à fé; ela meramente confirmou a fé que eles já possuíam (*Institutas* II:2:2-5). Calvino escreve: “As provas da fé devem ser transmitidas [procuradas na] pela boca de Deus somente. Se disputamos sobre questões que concernem aos homens, então que a razão humana tome lugar; mas na doutrina da fé, a autoridade de Deus somente deve reinar, e dela devemos depender” (*Comentário sobre Atos* 17:2). Em outras palavras, uma pessoa não tenta provar a existência de Deus; ele é a premissa necessária de todas as provas, o objeto de conhecimento melhor conhecido que qualquer outro.

<sup>3</sup> B. B. Warfield, *Calvin and Augustine*, 117.

### *Revelação Especial*

João Calvino ensinou que a verdade proposicional da revelação especial é necessária para alguém chegar ao conhecimento salvífico de Deus por meio de Jesus Cristo. A revelação geral revela Deus como criador, mas somente a Escritura o revela como Salvador (*Comentário sobre Romanos* 1:16-17).

Calvino escreveu:

Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus [*i.e.*, consciência inata] que de outra sorte seria confuso, dissipada a escuridão, nos mostra em diáfana clareza o Deus verdadeiro. É esta, portanto, uma dádiva singular [*i.e.*, a revelação especial], quando, para instruir a Igreja, Deus não apenas se serve de mestres mudos, mas ainda abre seus sacrossantos lábios, não simplesmente para proclamar que se deve adorar a um Deus, mas ao mesmo tempo declara ser esse Aquele a quem se deve adorar; nem meramente ensina aos eleitos a atentarem para Deus, mas ainda se mostra como Aquele para quem devem atentar... Deus proveu o subsídio da Palavra a todos aqueles a quem quis, a qualquer tempo, instruir eficientemente, porque antevia ser pouco eficaz sua efígie impressa na formosíssima estrutura do universo... Afirmo que importa chegar-se à Palavra onde, de modo real e ao vivo, Deus nos é descrito em função de suas obras. [*Institutas* I:6:1,3].

O conhecimento verdadeiro, disse Calvino, “é aquele que nos é entregue pela lei e os profetas” (*Comentário sobre Jeremias* 44:1-7). O Reformador de Genebra mantinha que a Escritura é auto-atestadora e auto-evidente (*Institutas* I:7:5). Existem, diz Calvino, inúmeras evidências, tanto internas como externas, que a Bíblia é a revelação infalível de Deus para a humanidade. Há a antiguidade da Bíblia (I:8:3-4), vários milagres e profecias (I:8:12), e a fidelidade dos mártires (I:8:13). Mas à parte do testemunho interior do Espírito Santo, essas evidências são “vãs”; elas são “subsídios secundários para nossa limitada compreensão” (I:8:13; compare I:7:1-5).

Calvino estava em perfeita concordância com a *Confissão de Fé de Westminster* (I:4-5):

A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus... Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço da Escritura Sagrada; a

suprema excelência do seu conteúdo, e eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações.

Calvino não tentou provar por argumentos extra-bíblicos que a Bíblia é a Palavra de Deus.<sup>4</sup> Ele escreveu: “Pois, com grande escárnio do Espírito Santo, assim indagam: ‘Quem porventura nos pode fazer crer que essas coisas provieram de Deus? Quem, por acaso, nos pode atestar que elas chegaram até nossos dias inteiras e intactas?... Daí, a suprema prova da Escritura se estabelece reiteradamente da pessoa de Deus falando nela. Os profetas e os apóstolos não alardeiam, seja sua habilidade, sejam quaisquer elementos que granjeiam credibilidade aos que falam, nem insistem em razões, mas invocam o sagrado nome de Deus, mediante o qual todo mundo seja compelido à obediência” (*Institutas* I:7:1,4). Portanto, não “é justo que ela [a Bíblia] se sujeite a demonstração e arrazoados” (*Institutas* I:7:5). A Bíblia é o axioma sobre o qual todo o conhecimento e prova é baseado.

Calvino não é anti-lógico. Philip Schaff afirma que, como o melhor teólogo e exegeta do período da Reforma, Calvino “nunca menosprezou a razão... mas atribuiu a ela o ofício de uma criada indispensável da revelação”.<sup>5</sup> Antes, era ao pensamento humano desassistido que Calvino se opunha (*Institutas* I:5:14). Isso é confirmado pelo historiador da igreja C. Gregg Singer. Singer declara que embora Calvino não tenha escrito muito sobre filosofia, não obstante isso advogou a legitimidade e necessidade de uma filosofia bíblica. De fato, ele lançou o fundamento para uma filosofia Cristã Reformada baseada somente na Palavra de Deus.<sup>6</sup> Historicamente, os calvinistas têm sido caracterizados como sendo muito lógicos, e não anti-lógicos.

---

<sup>4</sup> B. B. Warfield poderia discordar dessa declaração (Calvin and Augustine, 29-130), assim como R. C. Sproul, John Gerstner e Arthur Lindsley (*Classical Apologetics*, 198-208). Eles manteriam que Calvino pensava nas evidências como trabalhando juntamente com o testemunho do Espírito; assim, ele as usaria como argumentos indutivos. O problema aqui é que todos os argumentos indutivos são falácias lógicas. Mesmo no Jardim, antes da queda, o homem era dependente da revelação proposicional para o conhecimento. Ele não poderia, por observação, ter determinado onde ele estava ou o que deveria fazer. Deus teve que lhe dizer então, e a [nossa] presente situação, exacerbada pelo pecado, é ainda pior. Por exemplo, em seu *Comentário sobre Êxodo* 4:5, Calvino afirmou que os milagres, como uma evidência bíblica, são usados “algumas vezes... como preparativos para a fé, e em outras para sua confirmação”. Eles podem ser usados para “abrir uma porta da fé”. Mas eles devem ser apresentados apenas como as evidências bíblicas do Deus da Escritura, e nunca como prova.

<sup>5</sup> *History of Christian Church*, VII, 32.

<sup>6</sup> Gregg Singer, *John Calvin, His Roots and Fruits*, 52-55.

Embora exista uma terreno comum entre crentes e não-crentes devido ao fato de ambos terem sido criados por Deus, não existe nenhuma noção comum entre o Cristianismo e a filosofia e teologia não-cristã (*Institutas* I:5:13). A verdadeira fé descansa somente sobre uma crença implícita na Palavra de Deus, como revelada pelo Espírito Santo (*Institutas* III:2:6-10). Calvino diz que a apologética evidencialista – tentar provar a existência de Deus e a verdade da Bíblia – é “fazer coisas às avessas” (I:7:4).

Como então, de acordo com Calvino, o homem chega ao conhecimento de Deus? Ele não chega! O homem conhece a Deus inatamente. O conhecimento de Deus é possível e inescapável porque ele escolheu revelar-se ao homem. Tal conhecimento não é derivado de sensação ou raciocínio. Esse entendimento rudimentar é revelacional e proposicional, e sua origem é Deus.

Em adição, diz Calvino, Jesus Cristo é aquele que torna todo conhecimento possível. Ele é o *Logos* eterno. Cristo faz com que todos os homens tenham ciência de Deus porque ele é “a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo” (*Comentário sobre João* 1:9, 14, 17).

**Fonte:** *What Calvin Says*, W. Gary Crampton, Trinity Foundation, p. 30-36.